

# O Dia do Trabalho

EVARISTO DE MORAES FILHO

*Partindo das reivindicações pela jornada de oito horas e desembocando num evento sangrento, a data tornou-se o principal símbolo das lutas dos trabalhadores*

Com raras exceções nacionais, pode-se afirmar que a data de Primeiro de Maio é o dia universal do trabalho. Em verdade, as suas origens remotas e longínquas encontram-se na frase final do 'Manifesto Comunista', de Marx e Engels, de 1848: "Proletários de todos os países, uni-vos". Outro não foi o propósito do Congresso de Paris, reunido em 1889, quando pregou a universalização dessa data como o dia internacional da luta operária, pela obtenção de suas reivindicações e pela sua total liberação do domínio capitalista. A ligação entre ambos os propósitos não foi direta nem expressa, mas, afinal de contas, acabaram por se confundir nos mesmos objetivos.

Ao contrário do que normalmente se pensa, não foi exclusivamente francesa a sua iniciativa; houve forte colaboração americana, com concomitância de origens. Tanto na França, como nos Estados Unidos, como, de resto, por toda a parte, lutava-se ardentemente pela obtenção da jornada de oito horas de trabalho. Esta a meta imediata. Foi com esta bandeira que a Ordem dos Cavaleiros do Trabalho, movimento sindical criado em 1869, logo depois da Guerra da Secessão, conseguiu organizar-se e crescer.

Sua instituição deveu-se aos grandes esforços de Uriah Stephens, seu primeiro chefe, e de seus associados, todos operários alfaiates. Informa Terence Powderly — sucessor de Stephens, à frente da organização de 1879 a 1893 — que, se em 1885 o número de seus integrantes era de 80.000, já no ano seguinte havia subido para 700.000. Distribuía-se essa grande massa de trabalhadores por cerca de 5.500 assembléias

locais, isto é, o equivalente a quase dez por cento do total dos assalariados industriais.

## Ideais elevados

De início, sem ideologia de luta, eram as seguintes as instruções dadas a todos os que ingressavam na Ordem: "O trabalho é nobre e são. Impedi-lo de ser aviltado, proteger o operário contra os males do corpo e do espírito que a ignorância e a avidez dos homens o têm feito sofrer, livrá-lo das garras do egoísmo é uma obra digna dos mais nobres e dos melhores dentre nós. Em todos os ramos tão variados da indústria, o capital possui suas organizações, e, quer ele queira ou não, aniquila as nobres esperanças do trabalhador e joga a pobre humanidade na miséria. Não queremos nem conflito com as empresas legítimas, nem antagonismo com o capital necessário. Mas certos homens, em seu arrebato e sua cobiça, cegos pelo interesse pessoal, desprezam os interesses dos outros e violam por vezes os direitos desses mesmos que eles deixam sem assistência. Queremos elevar a dignidade do trabalho, afirmar a nobreza de todos os que ganham o pão com o suor do seu rosto; queremos formar, na opinião pública, uma corrente de idéias sãs sobre a situação do trabalhador, único criador de valor, e fazer compreender que, em justiça, deve ele receber toda a parte de valor ou de capital que foi criação sua. Apoiaremos com todas as forças as leis feitas para harmonizar o trabalho e o capital, e também as que tenham em vista tornar mais leve o pesado fardo do trabalhador. Interromper-se em seu trabalho, consagrar-se à defe-

sa de seus próprios interesses, adquirir um conhecimento perfeito do comércio e do mundo, unir-se e cooperar com os esforços do grande exército da paz e da indústria, manter e enriquecer, construir e engrandecer o tempo no qual vive, eis o dever mais alto e mais imperioso do homem para com seus semelhantes e para com seu Criador".

## Fadiga permanente

Se até a Guerra de Secessão como destaca o professor Louis M. Hacker, em "The Triumph of American Capitalism" (Nova York, 1940), o capitalismo foi mais artesanal e mercantil, a partir daquela época inicia-se a sua decadência, com a crescente preponderância do capitalismo industrial. Abolida a escravidão, esgotada a conquista das terras do Oeste, com a introdução da máquina em grande escala, por volta de 1880, ficam afetadas profundamente as condições de trabalho nos Estados Unidos.

Torna-se cada vez mais árdua a jornada de trabalho dos assalariados: enquanto a duração do trabalho é elevada ao máximo, os salários tornam-se mais baixos, num círculo vicioso de fadiga permanente. Segundo John A. Fitch, a situação chegou a tamanho exagero que, na indústria siderúrgica, os operários, divididos em turmas diurnas e noturnas, trabalhavam doze horas por dia. Quando da mudança de turmas, em cada oito dias, eram obrigados a permanecer dentro da fábrica durante as 24 horas do dia.

Exatamente de 1881 a 1886 foi o período de maior número de greves e de 'lock-outs', numa agressividade sem precedentes, principalmente nos Estados de Nova York, Pensilvânia, Massachusetts, Ohio e Illinois. Somente nesses Estados o número de conflitos de trabalho atingiu 75% das greves e 89% dos 'lock-outs' em todo o território nacional. Vivia-se uma época de capitalismo selvagem, de obtenção de lucros imediatos, com total desprezo pela condição humana. Predominavam as doutrinas do darwinismo social, da vitória dos mais aptos.

Pouco antes, a 24 de junho de 1877, havia irrompido a grande greve dos trabalhadores de estradas de ferro, que agitou o país todo. Em 1883 deu-se a greve dos telegrafistas. De 1885 a 1886, nova greve dos ferroviários, a da "Gould System of Railways". Mas nenhuma ultrapassou em repercussão política e econômica a célebre greve da "Pullmans Palace Car Company", de Chicago. Começou por uma greve particular nas oficinas de empresa em

Pullman, nos arredores de Chicago, acabando por se transformar na adesão geral de todos os empregados nas principais linhas de estradas de ferro que partiam de Chicago, atingindo alguns entrocamentos vizinhos. De 1881 a 1886, tomaram parte do movimento 1.322.203 empregados.

## As oito horas

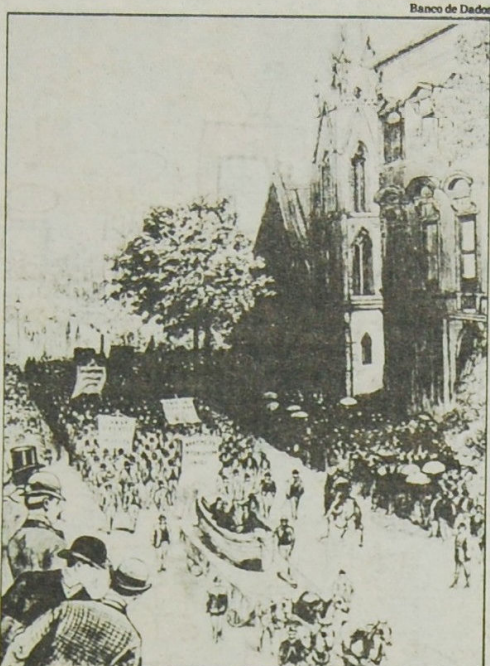
A verdade é que, quando da quarta convenção anual dos sindicatos operários federados, realizada em Chicago no mês de outubro de 1884, ficou resolvido que a jornada de oito horas seria imposta ao patronato a partir de Primeiro de Maio de 1886. Renovou-se tal resolução na convenção seguinte, de Washington, em dezembro de 1885

Como lembra Gabriel Deville, não se tratava de uma manifestação festiva, à maneira daquelas que os americanos de origem alemã já haviam adotado desde março de 1882, para o "Labor ▶



Uma batalha entre os trabalhadores e as tropas

Day", por iniciativa da "Central Labor Union": "Considerando que diferentes dias do ano são consagrados pela lei como dia de repouso em memória de acontecimentos importantes; E considerando que não existe nenhum que se relacione a uma demonstração operária; A "Central Labor Union" declara a primeira segunda-feira de setembro de cada ano "Labor Day" e decide que esse dia será observado como dia de repouso. Pedimos a todas as organizações centrais de trabalhadores em todos os Estados Unidos que se



Primeiro Dia do Trabalho (setembro de 1889), Nova York

Banco de Dados

unam a nós para executar em sua letra e em seu espírito a presente resolução".

Já existia, assim, em terras americanas o Dia do Trabalho. A data de Primeiro de Maio de 1886, no entanto, tinha outro significado, não de festa nem de comemoração, mas de luta e de reivindicação. Procurava-se inaugurar um regime novo nas condições de trabalho. A ordem era de deflagração de greve contra os empregadores que não aceitassem a nova jornada de trabalho de oito horas. Cerca de 340.000 trabalhadores participaram da greve, sendo que, só na cidade de Chicago, 40.000 homens deixaram de trabalhar.

### Mártires de Chicago

A greve durou quatro dias. Nos dias 3 e 4, procuravam as lideranças do movimento convencer alguns companheiros hesitantes na porta das fábricas, quando a polícia os dispersou a bala, matando quatro deles e ferindo numerosos outros. Com as resoluções antecipadas de 1884 e 1885 das convenções operárias, não se pode dizer que os empregadores houvessem sido tomados de surpresa com o movimento de Primeiro de Maio de 1886.

Muito pelo contrário, estavam preparados com policiais e capangas armados para enfrentar manifestações há muito programadas. Na noite do dia 4, reunidos pacificamente na praça do Mercado do Feno, protestavam os trabalhadores contra as violências praticadas havia pouco, quando algumas bombas explodiram, resultando na morte de um policial e ferimentos em alguns outros. A reação policial e patronal não se fez esperar, foi feroz, dando-se então o que passou à história como "os mártires de Chicago".

Já então os patrões e as autoridades diziam-se convencidos de que os anarquistas se haviam infiltrado no movimento dos Cavaleiros do Trabalho. Quase uma centena de pessoas foram mortas e procurados os líderes do movimento de casa em casa. Finalmente presos e julgados, foram eles condenados à força: Spies, Parsons, Fisher, Engel, Lingg, Fielden, Neebe e Schwab. Em grau de recurso, Neebe teve a pena de morte comutada, sendo condenado a 15 anos de prisão. O mesmo aconteceu com Schwab e Fielden, condenados a prisão perpétua. Deu-se o enforcamento de quatro deles a 11 de novembro de 1887, sendo que Lingg cometera suicídio na véspera. Tão parciais e facciosos foram a preparação do júri, a tomada de depoimentos das testemunhas e o próprio julgamento,

que a 25 de junho de 1893 John Altgeld, governador de Illinois, comutou as penas impostas a Neebe, Fielden e Schwab, ordenando que fossem libertados.

Na sua "Chronologie du Mouvement Syndical" (1947), lembra Guy Thorel que, pelos incidentes sangrentos que se iniciaram a Primeiro de Maio de 1886, "o mundo celebra esta data a partir de então como o dia símbolo da luta pela emancipação da classe operária".

### Datas rivais

Mas não era só nos Estados Unidos que ia acesa e ardente a campanha pelas oito horas de jornada do trabalho. O movimento era geral em toda a Europa. Na Inglaterra, publica Tom Mann — que havia trabalhado nos Estados Unidos — uma monografia em junho do mesmo ano (What a Compulsory Eight Hours Working Day Means to the Workers), proclamando os trabalhadores ingleses à luta para redução do horário do trabalho.

Cifrada em dezembro de 1886, como sucessora dos Cavaleiros do Trabalho, recomendou a Federação Americana do Trabalho, em sua convenção do ano seguinte, que o "Labor Day", dia festivo, continuasse a ser comemorado na primeira segunda-feira do mês de setembro. Pela reação governamental, havia arrefecido a luta pelas oito horas de jornada, somente em dezembro de 1888 foi ela retomada pela Federação na convenção da Saint-Louis, sendo então fixada a data de Primeiro de Maio de 1890 para a inauguração das novas condições de trabalho. A convenção, realizada em Boston em dezembro de 1889, confirmou a data escolhida no ano anterior.

### Política e Economia

Enquanto isso, constituía-se em congresso operário na cidade de Lyon, em outubro de 1886, a Federação Nacional dos Sindicatos e Grupos Corporativos Operários da França. Os novos congressos operários reuniram-se em outubro de 1887 (Montluçon) e outubro-novembro de 1888 (Bordeaux-Buscat). Aqui o germe universal do Primeiro de Maio, embora sem data ainda determinada: pleiteava-se a limitação de oito horas da jornada de trabalho, a fixação de um salário mínimo, conclamando-se os trabalhadores a pressionar os poderes públicos para a obtenção imediata de tais medidas. A 10 de fevereiro de 1889 dirigiram-se os trabalhadores aos prefeitos locais, dando fiel cumprimento do que ficara decidido em fins de 1888.



raias durante a "greve Pullman", ocorrida em Chicago, nos Estados Unidos, em 1894

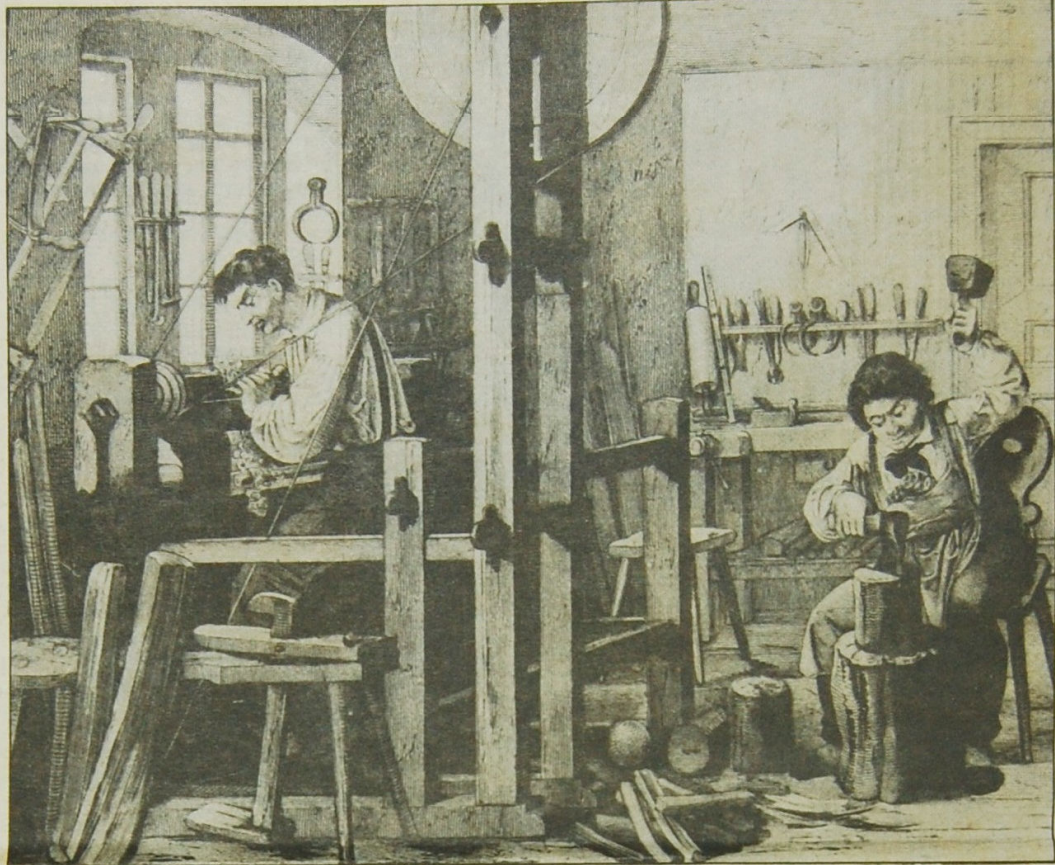
Tão grande foi o sucesso alcançado, que resolveram os trabalhadores levar tais reivindicações a um congresso internacional, logo convocado para Paris, e realizado de 14 a 21 de julho de 1889. Estes eram os termos da proposta prévia de Raymond Lavigne, secretário do Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos: "Será organizado uma grande manifestação internacional com data fixa, de maneira que, em todos os países e em todas as cidades ao mesmo tempo, no mesmo dia conveniado, os trabalhadores exijam dos poderes públicos a redução legal para oito horas de jornada de trabalho e a aplicação das outras resoluções do Congresso Internacional de Paris".

Antes de apresentar seu projeto ao Congresso, submeteu-o Lavigne a Guesde e Lafargue, a Liebknecht e Bebel, que o aprovaram prontamente. Talvez devido à intervenção de um delegado americano ao Congresso Socialista de Paris, de 1889, a verdade é que aparece um segundo parágrafo na proposta de Lavigne, nos seguintes termos: "Considerando que semelhante manifestação já foi decidida para Primeiro de Maio de 1890 pela American Federation of Labor, em seu congresso de dezembro de 1888 realizado em Saint Louis, esta data é adotada para a manifestação internacional". Não havia, contudo, identidade perfeita entre as duas propostas. Em Saint Louis propunham-se novas condições de trabalho aos patrões e ameaça de greve contra os recalcitrantes. Na proposta de Lavigne a pressão deveria efetuar-se junto aos poderes públicos, mais com caráter político do que propriamente econômico.

### "Origem incontestável"

Sem poder elucidar plenamente a origem do segundo parágrafo da resolução do Congresso, conclui Gabriel Deville, em exaustivo ensaio de 1896: "Em definitivo, a origem do Primeiro de Maio me parece estabelecida de maneira incontestável: da manifestação nacional feita em fevereiro de 1889 provém a idéia de uma manifestação internacional; foi o cidadão Lavigne quem, em primeiro lugar, formulou esta idéia, mas sem fixação de data. A data, a data somente, é de origem americana".

Coube a Deville presidir a última sessão do Congresso, a 20 de julho, que aprovou sem discussão a proposta de Lavigne e a data de Primeiro de Maio. Esta data foi logo aceita, e conclui Deville: "É, pois, falso dizer que foram propostas antes outras datas além de Primeiro de Maio para a manifestação internacional; é igualmente



Exemplo de uma oficina artesanal e do modo como se realizava o trabalho antes da irrupção da Revolução Industrial

falso pretender que o Congresso de 1889 não teve consciência da importância de sua decisão: eu poderia citar o redator de um jornal burguês, que, não acreditando no futuro de semelhante resolução, sorria da confiança do Congresso em seu próprio poder, e considerava com irônica piedade o que chamava de nosso exagero. Os fatos encarregaram-se de demonstrar que, apesar da dúvida do que fazíamos, não exageramos nada e que tínhamos mais do que ele uma consciência exata das coisas".

### Manifestação

Como se viu, o Congresso de Paris aprovou a resolução da manifestação universal de reivindicação de melhores condições de trabalho somente para Primeiro de Maio de 1890. Sua periodicidade começa a ser proposta, porém, na reunião levada a efeito a Primeiro de Maio de 1890 na cidade de Toulouse, tendo a "assembléia aprovado o voto de que doravante o Primeiro de Maio seja a celebração anual de uma grande festa internacional do trabalho". A mesma proposta é aprovada nos congressos socialistas escandinavo e espanhol, ambos em agosto de 1890. O oitavo congresso do Partido operário francês, de Lille, de 11 e 12 de outubro de 1890, concluiu que

"deve ser renovada, a Primeiro de Maio de 1891, a manifestação internacional de 1890".

O congresso do partido socialista alemão, de Halle, de 12 a 18 de outubro de 1890, decide: "Doravante, o Primeiro de Maio será, para os operários, um dia feriado, conforme decisão do congresso operário internacional de Paris; será festejado segundo os costumes e as condições de cada país".

Durante o ano de 1890 iguais resoluções foram tomadas por congressos operários realizados na própria França, na Áustria, na Itália, na Hungria. No ano de 1891, a idênticas conclusões chegaram outros congressos realizados na Suíça e em Portugal, sendo que a periodicidade da comemoração da data ficou definitivamente aprovada no Congresso operário socialista internacional de Bruxelas a 22 de agosto de 1891: "O Congresso, a fim de conservar no Primeiro de Maio seu verdadeiro caráter econômico de reivindicações da jornada de trabalho de oito horas e da afirmação da luta de classes, decide que deve haver uma manifestação única para os trabalhadores de todos os países e que esta demonstração terá lugar a Primeiro de Maio. E recomenda o feriado por toda parte onde tal não for impossível".

Finalmente, o Congresso Inter-

nacional de Zurich votou a seguinte resolução a 11 de agosto de 1893: 1º: O Congresso renova a decisão tomada pelo Congresso de Bruxelas; 2º: O Congresso adota a seguinte emenda: A democracia socialista de cada país tem o dever de fazer o que estiver a seu alcance para a realização do feriado, e encorajar toda tentativa feita neste sentido pelas diferentes organizações locais. 3º: O Congresso decide mais: A manifestação de Primeiro de Maio pela jornada de oito horas deve ao mesmo tempo afirmar em cada país a enérgica vontade da classe operária de dar fim pela revolução social às diferenças de classe, e assim de manifestar pela única via que conduz à paz dentro de cada nação e à paz internacional".

Fazendo de Primeiro de Maio o dia universal do trabalho, de suas reivindicações, de seus protestos, da luta pela sua liberação e por melhor qualidade de vida, procuravam os diversos congressos socialistas dar realidade, como anunciávamos no início deste artigo, à frase final do "Manifesto" de Marx e Engels. Pelo menos, era a esta sua esperança.

### Euclides e a data

Não se sabe ao certo qual foi a primeira comemoração de Pri- ▶



A cidade americana de Chicago, nos anos 90 do século passado, época do massacre

meiro de Maio no Brasil. Uma coisa é certa. Já em 1892 Euclides da Cunha escrevia um artigo no seu "Dia a dia" de Primeiro de Maio, em "O Estado de São Paulo", comemorando a data. Vale a leitura de um parágrafo seu, infelizmente, ainda atual:

"Realmente a vitória do socialismo bem entendido exprime a incorporação à felicidade humana dos que foram sempre dela afastados. Em nossa pátria — moça e rica — chegamos às vezes a não o compreender — transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as dificuldades que assoberbam a vida ali, sentimos quão criminosa tem sido a exploração do trabalho. Ali, onde o operário mal adquire para a base material da vida, a falsíssima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora.

Preso a longas horas de uma agitação automática, além disto cerceado da existência civil, o rude trabalhador é muito menos que um homem e pouco mais que uma máquina..."

A repercussão da escolha da data, como manifestação universal do protesto operário, foi imediata entre nós. Já em 1891 vinha à luz na cidade de São Paulo o número único de "Primo de Maggio", editado pelo "Gruppo Anarchico La Nuova Civiltà". "Um de maio" assim se denominava o boletim aparecido no Rio de Janeiro em 1892. Segundo Hermínio Linhares, a Primeiro de Maio de 1895 "foi comemorada pela primeira vez no Brasil a data internacional do proletariado" na cidade de Santos. É que ali, como é sabido, já funcionava desde 1889 o "Centro Socialista", fundado por

Silvério Fontes, Sóter Araújo e Carlos Escobar e que, também a partir do mesmo ano, lançava a publicação quinzenal "A Questão Social".

### Virada do século

Na mesma cidade de Santos os operários da construção civil fundavam em 1900 a "Sociedade Primeiro de Maio", já com comemorações na São Paulo de 1902, dada por Edgar Rodrigues como "a primeira manifestação" alusiva à data. A verdade é que, abandonando essa competição de primazias, a primeira grande comemoração vai-se dar no Rio de Janeiro a Primeiro de Maio de 1906, como resultado da resolução tomada no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, que ali se realizava. Com predominância anarquista, rendia-se homenagem aos mártires de Chicago, afastando-se qualquer significado festivo da data.

Ainda no Estado de São Paulo, em Jundiaí e em Campinas, a data era "vivamente comemorada", sendo que, naquela, apresentava-se o jovem Edgard Leuenroth, expondo as conclusões do Congresso há pouco encerrado no Rio de Janeiro. Em Campinas falava Everardo Dias, ao mesmo tempo que se distribuía o primeiro número de "A Voz Operária".

Desde então, como aconteceu nas grandes comemorações de Primeiro de Maio de 1909 e 1910, sempre com predominância anarquista, nunca mais deixou de serem realizados comícios públicos e passeatas em homenagem aos "mártires de Chicago", que, não raro, acabavam em pancadaria e dispersão pelos cavalarianos da polícia.

Naquele primeiro ano publicava "A Voz do Trabalhador" (Rio) a convocação pela Federação Operária para o comício que se realizaria no Largo de São Francisco, na qual se lê em certo passo: "O dia de hoje é, por certo, dedicado à confraternização do operariado universal. Todos os que trabalham devem considerar esta data a maior que o ano possui, porque ela não só lembra o sangue das vítimas de Chicago, como prova que a burguesia, rústica e ignóbil, tem praticado todas as misérias na sociedade atual".

O ano de 1913, por exemplo, foi altamente significativo em suas comemorações de Primeiro de Maio, por isso que nele se realizaria o Segundo Congresso Operário Brasileiro, tendo a Federação Operária lançado veemente manifesto negando o caráter festivo da data, "que na história dos movimentos proletários ficará gravada

como a perpetuar um esforço ousado de libertação, o Primeiro de Maio tem no entanto sido desvirtuado, por ignorância umas vezes, por vis conveniências outras. Ponderai criteriosamente, trabalhadores, e vereis que o Primeiro de Maio está muito longe de ser um dia de festas e de alegria; antes deve ser um dia consagrado à afirmação de princípios e de direitos".

Em 1915, assumia a data, tanto no Rio como em São Paulo, um violento protesto contra a guerra que se desenrolava na Europa e contra o envolvimento do Brasil no conflito, tese que já vinha sendo defendida por alguns políticos e por parte da imprensa que se dividia entre os alemães e os aliados. Afinal, tomamos partido por estes, declarando guerra à Alemanha em 1917.

### Dia presidencial

Com o declínio do anarquismo entre nós, nem assim perdeu a data de Primeiro de Maio o seu significado de protesto e reivindicação dos trabalhadores. São bem expressivos, quanto a isso, as duas fotografias publicadas por Astorjildo Pereira no seu livro "Formação do PCB" (1962), atestando a concentração da grande massa humana nos comícios, na Praça Mauá de 1924 e 1927, sendo que este último, segundo afirma, "foi de certo modo o coroamento do Congresso Sindical Regional reunido no Rio durante a última semana de abril".

A partir de 1930, o Estado cooptou para si o movimento sindical, oficializou-o, por assim dizer, burocratizou-o. Nos primeiros anos, até 1935, ainda houve certa liberdade nas manifestações operárias manifestações essas que cessaram completamente com o estado de guerra (1935) e o Estado Novo (1937). Os "mártires de Chicago" não puderam mais ser homenageados e a data passou a ser exatamente aquilo que maior indignação causava aos líderes anarquistas dos "tempos heróicos": passou a ser dia festivo, de agradecimento e de reverência, de beija-mão, enfim. Não foi à-toa que um Ministro do Trabalho, em 1943, dissera ser o Primeiro de Maio "um dia eminentemente presidencial". Há um século, no entanto, alguns trabalhadores pagavam com a vida e com a liberdade a ousadia de haverem sonhado um mundo melhor, mais justo e mais humano. Ainda hoje é o nosso sonho. ■

EVARISTO DE MORAES FILHO: 70. é Catedrático de Direito do Trabalho e de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, autor do anteprojeto do Código do Trabalho (1963) e dos seguintes livros: "Medo à Utopia" (Nova Fronteira) e "Perfil Parlamentar de Rui Barbosa" (Câmara dos Deputados).